

O povo Changana e os curandeiros

por Nélio Mariano Cândido (1) e Samira Lima da Costa (2)

(1) Professor no Departamento de Gestão na Escola Superior de Negócios e empreendedorismo de Chibuto/Universidade Eduardo Mondlane. Doutor em Psicossociologia de Comunidade e Ecologia Social pelo IP/UFRJ. seminariosnelio@gmail.com

(2) Professora Associada II do Departamento de Terapia Ocupacional (FM/CCS) e do Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social (IP/CFCH) da UFRJ. <http://lattes.cnpq.br/1253895144833105>

RESUMO

O objectivo desta pesquisa é estudar o papel dos Tinyangas no sul de Moçambique na luta contra o colonialismo Português e na actualidade. Esta pesquisa presou método bibliográfico para busca de material para o alcance seus objetivos. Este aborda o papel dos Tinyangas (curandeiros/Médicos tradicionais), na luta contra o colonialismo Português e na actualidade. Os Nyangas são parte importante da cultura e tradição do sul de Moçambique. Seu papel sempre foi além da prática de rituais religiosos, abrangendo a medicina, política, Guerra, e âmbito familiar. Eles são parte da solução de infortúnios, saúde, conflitos e âmbito da proteção. Estes estiveram ao lado do Imperador de Gaza na luta contra os portugueses, e que mais tarde foram marginalizados e perseguidos. Hoje, ainda atuam de forma legal, reconhecidos pelo Governo de Moçambique através do associativismo, e são agentes ativos nos atos governamentais e cerimoniais, com a função de conselheiros, consultas e na dedicação de projetos públicos.

Palavras-chave: Tinyangas; colonialismo; resistência

Introdução

Nunca foi tarefa fácil traçar a história dos Tinyangas (curandeiro/nyamussoros) e dos povos do sul de Moçambique e suas origens no geral. Este estudo, limita-se aos Tinyangas da zona sul de Moçambique na luta de resistência contra a invasão e colonização portuguesa em Moçambique. Os Tinyangas tem-se destacando de várias formas devido a sua atuação na vida do povo do sul e na luta para independência e libertação de Moçambique. Por isso, vários autores se dedicam a explicar, e outros fazem esforços para nos fazer entender a géneses de nossos ancestrais. Acima de tudo, a colonização e escravidão dos moçambicanos pelos europeus portugueses, causou grandes danos na sua história, cultura, e religião, contudo, hoje, pode-se esclarecer algumas verdades de forma menos deturpada do ponto de vista afro-Moçambicana (LOURENÇO, 2010, p. 135):

É tarefa difícil esboçar satisfatoriamente os movimentos migratórios que se sucederam no Sul de Moçambique durante os séculos XVI, XVII e XVIII, período histórico em que se julga terem sido robustecidos os factores que provocaram a diferenciação cultural e linguística entre os VaTsonga e os VaCopi [Nguni].³ Esta constatação histórica ressalta, com particular evidência, quando se procede, com alguma sistematização e profundidade analíticas, à recolha das tradições orais de origem. É precisamente o caso dos VaCopi. No entanto, poder-se-á referir que, às primeiras migrações de pequenas comunidades clânicas Cocas (Khoka), vieram sobrepor-se outros imigrantes cuja chegada se pode, teoricamente, fixar no século XVIII. Seriam, em parte, de origem proto-Nguni, como o clã Ncuna, já fixado no vale do Limpopo e que teria dado origem à chefatura Tchimine.

Esta pesquisa limita-se ao estudo dos Tinyangas (3) Changana. Por isso, este, evita fazer uma abrangência sobre toda a zona sul de Moçambique, e as origens de cada grupo étnico, ou seja os grupos étno-linguísticos mais predominantes, como Tsonga (Va Tsonga), Chopi (Vachopi) e Changana (VaChangana), os emigrantes proto-Sothos (Nyaka, Mpfumo, Libombo, Manhiça) ou Proto-Shonas (Tembe, Inhampura, Mucumbi e Gamba), que chegaram ao Sul de Moçambique entre os Séculos XV-XVII.

Sabe-se também, que, “os fatores socioculturais são de maior relevância para o desenvolvimento econômico e humano” (Rosário,2014, p. 34-35), e que a terra é tida como poder, destaca Wekeri (2010). No ambiente sociocultural, a terra é fonte de história e de transformação das sociedades. Assim sendo, a cultura acontece no espaço territorial onde a sociedade vive e desenvolve suas atividades cotidianas. “Nesse espaço territorial, desenvolve-se a cultura [e a tradição], que se faz representar pelas dimensões simbólicas” (Rosário,2014,p.35) e as mais subjetivas, feitas do imaginário ou de identidade social, tradição e da religiosidade local ancestral, cristã ou islâmica.

3 Tinyangas também pode ser chamado de Nyamosoros, curandeiros ou médicos tradicionais, actualmente com estatuto próprio.

2.1 Origem, cultura e cosmovisão: a ecoespiritualidade do povo Changana

Não se pode falar do povo Changana (os *Mabulindhlela* [4]), sem tocar as migrações dos VaTsongas e dos *Nguni*, o *mpfecane* e ainda, sem se tocar sobre o último Imperador do grande Império de Gaza, que por certo período esteve sediado em Madlakazi. Este povo localiza-se na província de Gaza, sul de Moçambique e na África do Sul. O século XIX foi marcado pela luta de resistência contra o colonialismo português, que procurava a todo custo, o total controlo da região sul de Moçambique.

Naquela altura, o Imperador de Gaza, Ngungunhana, tornou-se pedra no sapato dos portugueses, pois detinha um poder político e militar através do Estado de Gaza, que era muito forte. Ele mantinha e exercia influência na vida pública, e pessoal dos povos do sul de Moçambique, mesmo sendo oprimidos pelos portugueses (Rodney, 2018[1972], p. 164), e Santana (1982).

Segundo o portal do Governo de Gaza (2022), Chibuto assim como Mandlakazi sempre foram considerados lugares de cultos religiosos e tradicionais para evocação dos espíritos pedindo chuva:

A designação “Chimbuntsu”, atualmente Chibuto, tem a sua origem numa pequena elevação, que no tempo do Régulo Chigonguanhane Macuácuca era considerado um sítio de cultos tradicionais para evocação dos espíritos pedindo chuva. Estas cerimónias datam de tempos remotos de Mulalene, primeiro Régulo, que foi sucedido por Chigonguanhane. O Distrito de Chibuto, ascendeu ao estatuto de Cidade em 08 de Outubro de 1971. (2022)

Nos dias atuais, parte da sociedade *Changana* ainda pratica a poligamia (Chiziane, 2002) como um estilo de vida e identidade cultural. Os homens, quando adultos podem casar-se com duas ou mais mulheres, uma esposa legalmente aceite por lei, e outras tradicionalmente. De acordo com a tradição changana, a poligamia é algo normal e aceite pelas comunidades. O Rei Ngungunyane foi preso por António Enes junto com as suas cinco esposas. Chiziane (2007), em algumas das suas intervenções, destaca que a prática de poligamia, é o modo de ser homem na etnia Changana, e exige a capacidade de amar no mínimo duas esposas.

4 Termo usado para referir Militares Ngunis que eram colocados em frente nas batalhas. Eles eram oriundos de diferentes grupos conquistados pelo exercito Nguni e tornados em soldados. Estes eram os primeiros a sofrer em combates. Mais tarde, foram chamados de Changanas e, se fixaram na zona sul de Moçambique, especificamente na província de Gaza. Os machanganas eram uma composição de varias etnias, que mais tarde acharam sua identidade como Changanas, descendentes também de Sochangane.

Apesar de Moçambique ter uma percentagem maior de mulheres que os homens segundo o Censo de 2017, as afirmações de Chiziane (2002) não podem ser generalizadas a toda província de Gaza e menos ainda toda zona sul de Moçambique.

Entretanto, na estrutura familiar daqueles homens que praticam a poligamia, existe uma hierarquia entre as diversas mulheres, em que a primeira esposa, legalmente reconhecida, tem certos direitos que as outras não têm. Em alguns casos extremos, algumas famílias, especialmente no norte de Gaza, podem exigir que o homem tenha uma segunda ou terceira esposa, para satisfação do homem e ajudar a outra nas tarefas conjugais na sua indisponibilidade.

Conforme os relatos escritos, os Changanas habitaram em Gaza antes da ocupação e colonização portuguesa e a língua xichangana foi usada como oficial, e das principais formas de comunicação na resistência contra a invasão portuguesa no sul de Moçambique e para manutenção da identidade cultural. A língua xichangane é uma identidade cultural. De referir que os Changanas são uma mistura em parte dos Tsongas, os Angunes, Chonas, Chopes, Matsuas etc. Os Angunes são povos originalmente de Xai-Xai e da região de ex-Lourenço Marques, porém bem antes da chegada dos portugueses (Cabinda, 2014, p. 19). Esses povos podem ser denominados vassalos capturados pelo Rei de Gaza por não pagarem os seus impostos, e outros por derrota militar (Cabinda, 2014). Cada um desses povos trazia suas tradições e religiões ancestrais, e praticavam a invocação e adoração aos deuses.

Debruçar-me-ei sobre os *Tinyanga*, os sacerdotes e curandeiros, e suas cosmovisões. A palavra Changana é de origem *Bantu*, e é a língua usada pelos povos Changanas até os dias atuais. O povo Changana é sinónimo de resistência devido a sua origem, e poder entre os povos do sul. Eles compõem uma parte fundamental da história do sul de Moçambique, sem querer ignorar os povos dos outros grupos étnicos, como os *Rongas*, da província e cidade de Maputo, Chopis, Tsuas, e Tongas etc.

O povo Changana é extremamente religioso. Estes sempre adoraram seus ancestrais e seus espíritos bem antes da invasão portuguesa. Seus sacerdotes, denominados os *Tinyanga*, praticavam seus rituais antes do *Mfecane*, o grande êxodo. Partiram da África do Sul, fugindo do exército do *Tchaka Zulu* que os dominava. Assim, se desligaram do império *Zulu*, e se fixaram na parte nordeste e costeira de Moçambique.

Os *Tinyanga changana* são sacerdotes detentores de poderes sobrenaturais, paracurar doenças, prever o futuro, provocar chuva, para aumento da produção agrícola, enriquecimento de pessoas, e proteção contra os maus espíritos e feiticeiros. Durante o Império de Gaza, estes eram também conselheiros do imperador e juízes nos tribunais comunitários. Os mortos, estão sempre presentes entre o povo e se manifestam através de seus sacerdotes, que são o elo de ligação entre os mortos e os vivos. Para continuidade do curandeirismo ou da tradição oral, os *Tinyanga*, sempre tiveram escolas sacerdotais, onde um curandeiro, ou *Nyanga* experiente possuído pelos espíritos, transmite seus conhecimentos do uso medicinal tradicional, passado de geração em geração.

Hoje em dia, jovens de ambos os sexos são iniciados a esta arte e vocação na sua infância e também já adultos. Antigamente, ser *Nyanga* era vergonhoso, mas atualmente, é motivo de orgulho e ambição de muitos.

Os *Tinyanga* são também chamados curandeiros ou médicos tradicionais em Moçambique, e sempre detiveram diferentes especialidades, “como a capacidade de curar doenças, o amplo conhecimento das propriedades terapêuticas das ervas e raízes, o conhecimento do oráculo para leitura da vida no passado, presente ou futuro, a capacidade de proteger as pessoas contra as forças sobrenaturais nocivas, entrar em transe, enfim, gerir um estado de bem-estar social individual e colectivo” (Santana, 2016, pp. 6-7). Os *Tinyanga* também praticam o feitiço. Nos dias atuais, estes vem ganhando espaço com relação às últimas décadas. Suas escolas estão cada vez mais presentes em todas as esferas sociais da Província de Gaza e em Moçambique no geral. Os jovens fluem para essas escolas. Além das escolas, existem também publicidades de *Tinyanga* nas televisões, rádios, nas ruas, e o uso de meios modernos de comunicação como o celular, e através de aplicativos de mensagem como o whatsapp, facebook, etc., vendendo seus serviços.

Em 1991, o governo de Moçambique aprovou a nova constituição e a lei do associativismo, que protege os direitos dos curandeiros, através do associativismo (Lei nr. 8/91 de 18 de Julho, I Série, número 29). Os *Tinyanga* participam de várias atividades culturais e oficiais governamentais, tais como a inauguração e dedicação de infraestruturas públicas aos deuses, a invocação da bênção para a nação, tal como a intervenção para resolução de mistérios que assolam o povo, entre outros. *Nyngas* sempre estiveram presentes na guerra civil, assim como na colonial, como protectores e videntes na contra inteligência e proteção contra balas. Eles eram tidos como escudeiros, a prova de bala.

A legitimidade dos *Tinyanga* foi construída com base na tradição oral, ritual e sacrifícios para o fortalecimento das instituições da sociedade Moçambicana. Hoje em dia, é comum ver os candidatos presidenciais, presidentes e ministros, entre outros, a prestarem culto em público aos deuses e ancestrais.

A Sede do antigo Império de Gaza se localizava na província de Gaza, actual distrito de Mandlakaze. A fundação deste império se deu com a migração dos povos *Ngunis*, oriundos da Zululândia para o Sul de Moçambique, e ter-se-ia expandido até Rodésia, parte da ex-Rodésia do Sul, actual Zimbabwe, observa Santana (2016).

O reino de Gaza foi fundado por imigrantes provenientes da actual África do Sul, fugidos do Shaka Zulu, por volta de 1820, por Manikuse, pai de Muzila, e mais tarde governado por *Ngungunhane*. *Ngungunhane*, filho de *Muzila* e neto de *Manikuse*, foi o Leão de Gaza com sua última sede imperial em Mandlakazi. Seu império foi notório por ter dominado outros povos moçambicanos, assim como fizeram os portugueses. E foi assim que, *Ngungunhane* teve que lutar contra dominação portuguesa entre 1895-1897, que culminou com a sua captura e prisão, conforme destaca Rodney (1972). Ele é considerado um herói moçambicano ao invés de tirano como os portugueses o denominavam.

Por sua ligação com *Ngungunhane*, os *Tinyanga* ou *curandeiros* sofreram perseguição dos colonos portugueses, porque apoiavam o imperador nas suas investidas notórias contra a dominação colonial portuguesa no Sul de Moçambique. Após sua captura por Portugal, o Imperador foi exilado em 1895, na ilha de Açores, junto com seus conselheiros, generais e suas esposas.

Descrito por vários autores, o Império de Gaza era considerado altamente militarizado (Santana, 2016; Rodney, 1972; Cabaço, 2007; Passador 2010). O seu exército era composto majoritariamente por jovens de diferentes grupos de povos conquistados pelos *Ngunis*; alguns de origem *Tsonga*, que posteriormente denominou-se de *Mabulindlhela*, (aqueles que abrem o caminho) e, mais tarde chamados de *Machanganas*, segundo Santana (2016). No entanto, a cultura *Changana* passou a servir como fonte de identidade e resistência dos povos do sul de Moçambique.

Na cosmovisão dos *Ngunis*, o papel dos *Tinyanga* sempre foi de legitimação e sustentação do império e seu imperador, o “*Nkosi*”, que tinha a eles como conselheiros de guerra e resistência contra seus inimigos. A função destes, sempre foi vista como administradores dos remédios, da guerra, ao exército e liderança de cerimônias ligadas ao ciclo produtivo e saúde pública, nota Santana (2016) sem esquecer dos ritos sociais, que lhes marcavam a vida, do nascimento à morte (Costa; Silva, 2012).

2.2 Vida pós-imperial de Gaza e os *Tinyanga*

Mesmo diante da deportação do Imperador de Gaza, os *Tinyanga* continuaram vinculados às suas atividades de resistência, isto é, proteger e lutar contra a dominação pelo colono Português. Eles ainda se concentravam em suas atividades de ritos agrários, militares, e o prestigiado direito à consulta e adoração aos deuses. Os *Tinyanga* sempre foram conhecidos por identificar e deter os feiticeiros em casos em que feitiços eram feitos contra pessoas e comunidades. Eles tinham a capacidade de identificar a proveniência do feitiço e desfazer o infortúnio, na sociedade ou na vida de singulares. Mais ainda, estes faziam parte dos tribunais comunitários que julgavam os feiticeiros e os malfeitores. Hoje em dia, em Moçambique, existe AMETRAMO, uma associação dos *nyagas* com função de resolver conflitos existenciais ligados aos mundos dos ancestrais e espíritos.

Ademais, na luta contra o colonialismo português, os *Tinyanga* serviam às forças de resistência como escudeiros e guias espirituais para evitar surpresas portuguesas, conforme Santana (2016). Relata-se que alguns *nyagas* traidores serviram também à causa portuguesa contra o Imperador Gaza, devido às discórdias sobre as maneiras e abordagens de *Ngungunhana* contra outros povos do sul de Gaza e de Inhambane, e que com o desconhecimento da conferência de Berlim, encorajaram os portugueses a fazerem todos os esforços possíveis para capturá-lo ou até assassiná-lo, segundo Santana (2016). Não só os outros líderes tinham desconhecimento da conferência de Berlim, o próprio *Ngungunhana* quando buscava apoio aos Ingleses na luta contra os portugueses desconhecia que ambas coroas haviam participado na partilha da África.

Os *Tinyanga* sempre se destacaram com relação aos exercícios militares e políticos na sociedade Moçambicana, mesmo diante da derrota e colonização efectiva. Após a vitória e destruição do Império de Gaza, os portugueses começaram a dismantelar os grupos sociais que exerciam autoridade e influência na administração daquele Estado Africano. Dessa forma, os grupos *Tinyanga* foram submetidos a processos de desprestígio público e político de suas autoridades. Os grupos que fizeram parte do antigo império foram desarmados e a maioria destes fugiram para a África do Sul. Contudo, alguns *Tinyanga* tornaram-se apoiantes e médicos descredibilizados para os portugueses. Por mais irónico que pareça, os portugueses também consultavam os *Tinyanga*, e estes os serviam de conselheiros na guerra contra o povo Moçambicano durante a colonização e escravização dos povos. Portugal por mais que os chamava atrasados e não civilizados, fez uso das habilidades dos curandeiros em Moçambique.

Os *Tinyanga* continuaram a procurar fortalecer suas relações com o mundo espiritual, contestando a atual política de dominação colonial. Através dos *Tinyanga*, os guerrilheiros, resistindo física e espiritualmente, demarcavam sua existência social entre os vivos através do processo conhecido por *mphukua* (possessão). E hoje em dia, o mesmo processo de *mphukua* continua se manifestando nas escolas públicas, entre os adolescentes e jovens que são possuídos pelos espíritos reivindicando seus direitos à adoração, de acordo com as exigências dos espíritos.

Estes *Tinyanga*, também chamados de “curandeiros”, ou “nyamussoros”, exercem o trabalho de médicos tradicionais auxiliando a medicina convencional, usando ervas e raízes, invocação dos espíritos para cura de doenças e maldições espirituais entre outros infortúnios. Em colaboração com o Ministério da Saúde, os *Tinyanga* são hoje organizados em associações legalmente reconhecidas pelo Estado Moçambicano. Além de sua participação na busca de solução para problemas de saúde, os curandeiros ou *Tinyanga* fazem parte da cultura e tradição moçambicana representada também pelo Ministério da Cultura e Turismo. Eles têm suas escolas onde são treinados (Sequeira, 2017).

Com a luta pela independência de Moçambique a prática do curandeirismo foi proibida, mais tarde o Partido Frelimo voltou a proibir essa pratica, só que veio a ser revogada na década de 1989 durante a guerra civil, ao notar que os guerrilheiros da Renamo faziam uso das habilidades dos *Tinyanga* para proteção e para prever ataques das forças armadas de Moçambique (Sequeira, 2017).

Sequeira (2017) observa que para a Frelimo, a abolição das autoridades tradicionais era uma estratégia para controlar elementos com influência e prestígio nas comunidades, porém, esquecendo-se que as autoridades tradicionais vinham já desde o Século XV. A proibição da prática do curandeirismo pode ter sido motivado porque os curandeiros teriam servido ao exército Português e anos mais tarde aos guerrilheiros da Renamo, além da busca do novo homem livre da tradição como proferia o Primeiro presidente de Moçambique, Samora Machel.

Relatos há sobre curandeiros que praticavam os rituais a favor dos guerrilheiros da Renamo durante a guerra civil. Eles seguiam com os militantes para os ataques, e consultavam aos espíritos sobre sua sorte no seu dia-a-dia para questões de guerra.

Havendo a Frelimo colado a saúde como prioridade para os moçambicanos, abria-se um caminho para reintrodução da medicina tradicional, neste caso o retorno dos curandeiros e as igrejas como parceiro da saúde física e espiritual. O sector da saúde, no período entre 1975 e 1982 teria recebido 11% do orçamento para sua expansão (Gloyd, 1996 apud Sequeira, 2017, p. 13). Antes da independência, os colonos já proibiam a prática do curandeirismo como medicina, como se nada fosse, porque estes eram considerados *tabua rasa*, e seus conhecimentos não eram tido como se tivessem valor civilizatório, mas primitivo (Meneses, 2000). De outro lado, se faziam aos mesmos para as consultas pessoais, e como instrumentos de proteção contra seus inimigos na guerra pela colonização dos povos moçambicanos.

De tal forma, existe o paradoxo do conceito medicina moderna e tradicional, onde os médicos desabonam e difamam o bom nome e a arte dos curandeiros, enquanto de noite e em secreto, os procura para consultas sobre seu fortuneio, assim como acontece com os membros do governo. Estes últimos, os convocam para dedicação de infraestruturas públicas e governamentais e eventos oficiais.

2.3 Tinyanga na integração social

Os Tinyanga contribuíram para integração dos militares após regresso dos combates militares na guerra civil que devastou Moçambique durante 16 anos. Para uma integração e fortuneio, houve necessidade de envolver os Tinyanga para sua purificação para nova vida social (Granjeo, 2011). Esse tipo de rituais são realizados também para ex-prisioneiros ou reclusos por motivos variados após sua soltura da prisão para nova vida na sociedade. Outros são convocados para limpeza da casa da viúva, depois o falecimento de seu esposo. O *nyanga* vai proferir a bênção invocando os espíritos ancestrais e os desconhecidos para apresentar a pessoa ou família.

Alguns rituais podem incluir o envolvimento sexual denominado *ku tchinga*. Segundo reza a tradição, no ritual sexual *ku tchinga*, contrata-se um homem que é pago um certo valor em espécie, sem o uso de proteção. Este rito muito comum na zona sul de Moçambique é bastante contestado, pois tem sido uma das formas que se tem transmitido várias doenças de origem sexual, às viúvas, o irmão do falecido, assim como o contratado (Colher, 2011). Esse ritual apareceu como causa da morte por práticas culturais segundo INE (2009), e Colher (2011) e, está ligada ao aumento da transmissão do vírus da SIDA/AIDS.

Para Colher (2011) a prática do ritual de purificação de viúvas praticado pelos Nyangas no continente africano é considerada como um elemento essencial para a sua integração, à vida sexual ativa. Pois, a morte de um esposo não deve proibir a viúva de continuar com sua vida sexual.

Quem são a maioria dos praticantes do Curanderismo (Nyamusoro/Tinyanga)? Segundo Sequeira (2017), a maioria dos praticantes do curandeirismo são as mulheres devido alguns factores como a migração para África do Sul:

as mulheres, conhecidas por *nyamusoro*, são as principais praticantes da medicina tradicional (2002: 33). Passador atribui-lhes um papel de destaque na integração e manutenção de uma ordem social desejável (2011: 182). Determinar que existe uma prevalência dos *tinyanga*-mulheres não só é impossível face à composição da população acima referida mas também por não termos feito nenhum levantamento exaustivo dos *tinyanga* existentes, registados ou não, nas associações profissionais como a AMETRAMO, PROM0ETRA ou AERMO (Sequeira, 2017).

A prática do curandeirismo é notória como uma religião da região legítima Moçambicana. Esta envolve a adoração dos antepassados ou ancestrais, *Ngunis* da antiguidade, os recém-falecidos que cujas memórias ainda vivem nas pessoas. Assim como, são os mazonos, uma religião que surge na África do Sul, que não se considera cristã autêntica, por buscar a relação entre os vivos e os mortos como fontes de benevolência e bênçãos (Cavallo, 2013). Enquanto o curandeirismo é uma resistência para os povos moçambicanos, os mazonos vão além do simbolismo. Aqueles que procuram os mazonos, buscam o bem-estar financeiro, bem-estar familiar, espiritual sem fugir tanto do cristianismo, porque os sacerdotes mazonos usam a Bíblia como um dos instrumentos para sua religiosidade.

3. Considerações finais

Os Tinyanga são uma parte ativa da sociedade moçambicana reconhecida pelo poder político legislativo, pela medicina convencional através do Ministério da Saúde de Moçambique, pelo exército e as populações. Estes atuam como sacerdotes, conselheiros, médicos e escudeiros na guerra. Ignorar suas atividades e existência, os povos do sul estariam negando de alguma forma as suas raízes. Esta afirmação destina-se a aqueles que acreditam na prática do curandeirismo como parte de sua cultura e tradição.

Referencias

Arnout, L. (s.d.). *O desenvolvimento do nacionalismo em Moçambique (1964)*. UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (p. 3). Minas Gerais : www.fafich.ufmg.br.

Cabaço, J. L. (2007). *Moçambique: Identidades, Colonialismo e Libertação*. São Paulo: Universidade de São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.

Cabinda, J. A. (2014). *Nacionalismo e nação em Moçambique*. Redenção: UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA.

Cavallo, G. (2013). *Curar o passado: mulheres, espíritos e “caminhos fechados” nas igrejas Zion em Maputo, Moçambique*, Tese. Lisboa: Universidade de Lisboa.

Chiziane, P. (2002). *Niketche: Uma Historia de Poligamia*. Lisboa: Editorial Caminho, SA.

Chiziane, P. (2007). *Balada de Amor ao Vento*. (L. Njira, Ed.) Maputo, Maputo, Moçambique: Ndjira.

Cobbing, J. W. (September 1988). The M'fecane: Beginning the Inquest. *African Studies Seminar* (p. 38). Witwatersrand: University of the Witwatersrand.

Colher, C. M. (2011). *Práticas culturais num contexto de VIH-SIDA: O caso do ritual de pita kufa na localidade Sede do Distrito de Morrumbala em Moçambique*. Universidade de Évora. Évora: <https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/11898/1/Cardenito%20Colher.pdf>.

Dutra, R. (2009). Ungulani Ba Ka Khosa: literatura e eficácia. 80 *VIA ATLÂNTIC* (n. 16), 16-92.

Granjo, P. (2011). Trauma e Limpeza Ritual de Veteranos em Moçambique. *cadernos de estudos africanos* 21,(21), 34-69.

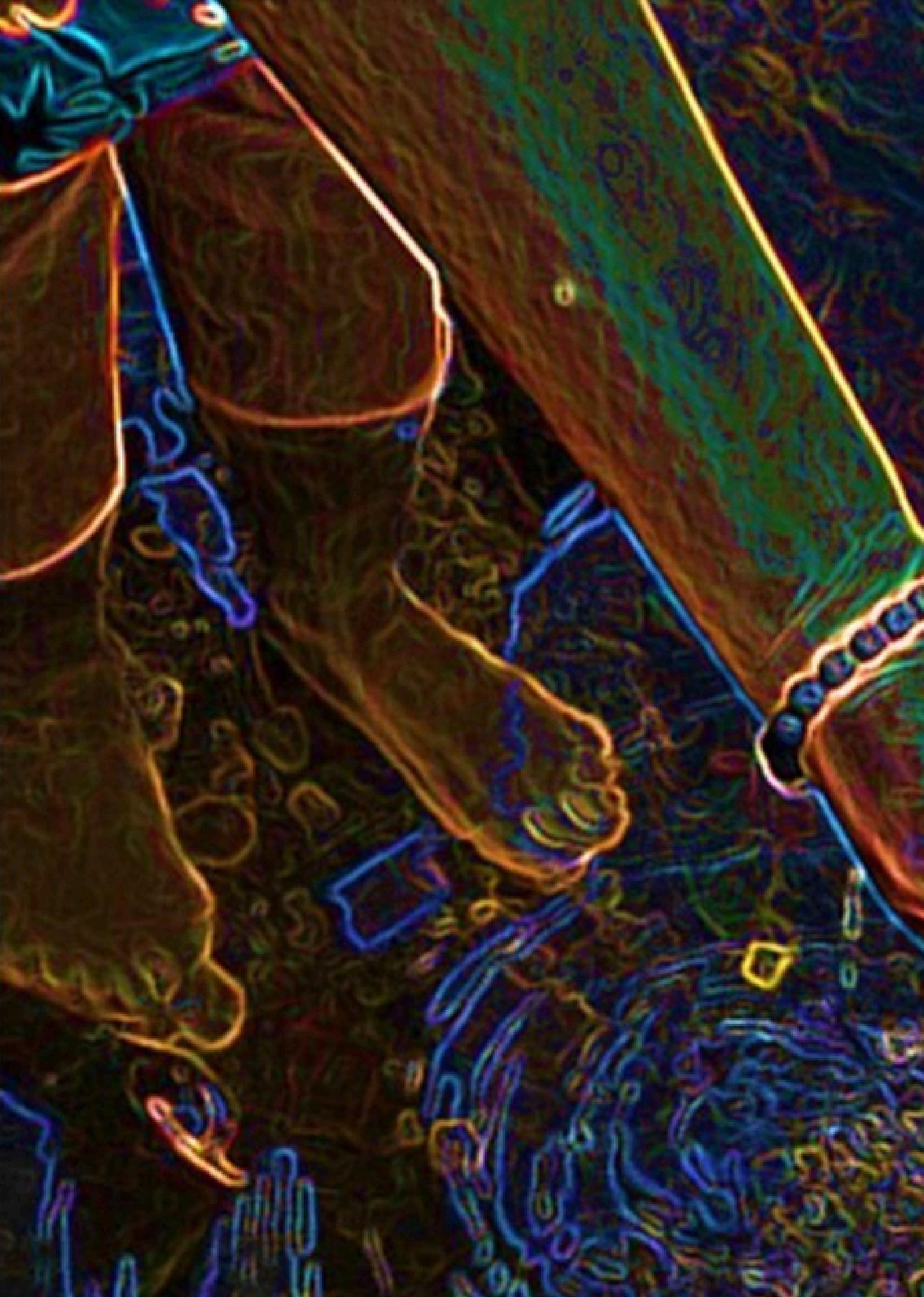
Graziele Acçolini, M. T. (2016). Tradição - Modernidade: a Associação de Médicos Tradicionais de Moçambique (Ametramo). *Dossiê - Perspectivas contemporâneas sobre o mundo Lusófono*, 21(2), 49-70.

Lourenço, Vitor Alexandre. *Moçambique: memórias sociais de ontem, dilemas políticos de hoje*. África em Perspectiva | Séries Monografia nº1. Disponível em: <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/10996>

Matola, A. (2008) Moçambique: sida e hábitos tradicionais. Maputo. *Medicina tradicional, biodiversidade*. <https://www.ces.uc.pt> acesso, 18 Out. 2024

Mendes, M. C. (1979) *Maputo: antes da independência: geografia de uma cidade colonial* (Tese de doutorado), Universidade de Lisboa, Lisboa

Meneses, M. P. (2023). *Quando não há problemas, estamos de boa saúde, sem azar nem nada: para uma concepção emancipatória da saúde e das medicinas*. Obtido em 18 de Outubro de 2024, de <https://www.ces.uc.pt/emancipa/research/pt/ft/saberes.html>





Religar e ecoar
por Rosana Gonçalves da Silva